

# COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS: DEVEMOS PRESERVAR TUDO O QUE É ESCAVADO?

## INTRODUÇÃO

O intuito deste trabalho é iniciar uma discussão sobre o que devemos preservar do registro arqueológico, quando sabemos que a vasta maioria da cultura material exumada de sítios arqueológicos pré-coloniais no Brasil está associada a peças líticas e cerâmicas, e que grande parte deste conjunto é constituída por peças com baixíssimo potencial informativo e informação redundante.

A maioria do financiamento das pesquisas arqueológicas, seja ele público ou privado, tem o objeto de apoiar o trabalho de campo (prospecção e escavação) em detrimento dos estudos pós-campo e eventual publicação. A preferência pela escavação como o principal produtor de conhecimento resulta em um acúmulo de material, o que requer curadoria e armazenamento.

O material gerado nas pesquisas arqueológicas inclui de tudo, desde dezenas ou centenas de milhares de peças de pedra lascadas, vasos cerâmicos inteiros e fragmentados, restos de animais, amostras de solo, plantas e sementes, metais, pregos enferrujados, cacos de vidro, fiança e muito mais. Associados aos artefatos e amostras, estão as anotações diárias, registros digitais, mapas, fotografia, plantas e croquis, que juntos compõem um registro abrangente do passado.

Em um mundo ideal, esses itens devem ser preservados e disponibilizados para pesquisas futuras. Isto implica uma administração cuidadosa das coleções; gerenciamento que inclui acesso, catalogação, conservação, manutenção, processamento, publicação e armazenamento de artefatos e a documentação associada.

Concordamos aqui com a ideia de que a dificuldade subjacente em atender as crescentes demandas de curadoria não é simplesmente a construção de mais e melhores instalações de armazenamento, mas a mudança do paradigma predominante, favorecendo o trabalho de campo arqueológico sobre o processamento, a publicação e a curadoria permanente de materiais de projetos de campo, e a ideia de que deve-se armazenar tudo o que é recuperado em campo.

## DEFINIÇÕES

Neste trabalho focamos em apenas um tipo de cultura material, cerâmica, e em um recorte temporal, em sítios com ocupação pré-colonial; sendo estes os que têm gerado as maiores coleções arqueológicas no Brasil.

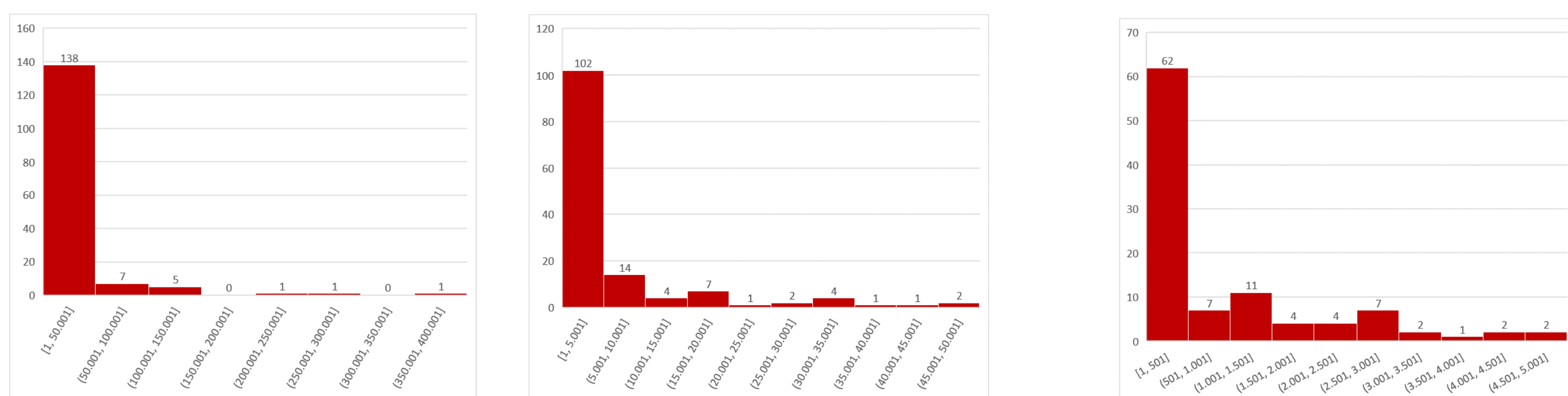
**PEÇAS DIAGNÓSTICAS** - todos aqueles que apresentaram atributos morfológicos identificáveis (bordas, bases, ombros, carenas, bojo superior e bojo inferior, além de peças modeladas e apêndices); acabamentos de superfície e/ou decoração (superfícies polidas, brunidas, com engobos, banhos, além das decorações plásticas e pinturas); marcas de uso (depósito carbônico). Os critérios adotados para seleção da amostra compõem a metodologia aplicada a diversas coleções cerâmicas de sítios pré-coloniais no âmbito dos projetos de responsabilidade da Scientia Consultoria Científica. Esse procedimento, salvo algumas variações, vem sendo amplamente utilizado para coleções cerâmicas provenientes de sítios pré-coloniais.

**PEÇAS NÃO DIAGNÓSTICAS** - aqueles que não se enquadram nos critérios apontados anteriormente e que, em geral, são caracterizados por fragmentos de bojo ou “parede”, ou seja, fragmentos que compõem o corpo dos vasilhames, mas que não possuem informações sobre a forma, decoração ou marcas de uso. Apesar dos fragmentos de parede possuírem informações sobre composição de pasta e alisamento da superfície, estes atributos também são registrados a partir da análise dos fragmentos diagnósticos, como por exemplo; bordas, bojões superior ou inferior que possuem tratamento alisado de superfície e indicam a frequência dos elementos presentes na pasta.

## ESTUDO DE CASO

As pesquisas arqueológicas realizadas no âmbito do projeto de *Arqueologia Preventiva nas áreas de intervenção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, Rio Xingu, PA* identificaram 199 sítios arqueológicos, incluindo aqui sítios como polidores e gravuras rupestres os quais não apresentaram outros vestígios de cultura material associado. Ao todo 153 sítios pesquisados geraram coleções cerâmicas que totalizaram 2.756.340 peças. Deste total, 359.729 (13,1%) são peças diagnósticas e o restante, 86,9% (2.396.611), correspondem a fragmentos cerâmicos não-diagnósticos.

A grande maioria dos sítios (138/90,2%) apresenta menos de 50.000 peças, sendo que 102 (66,7%) apresentam menos de 5.000, e quase que a metade das coleções (62/40,5%) é composta por menos de 500 peças cerâmicas (Figuras 1 a 3).



Figuras 1 a 3. Frequência absoluta de sítios arqueológicos (eixo x) por intervalo da frequência absoluta de peças cerâmicas.

Tabelas 1 a 3. Frequência absoluta (#) e por porcentagem (%) de número de sítios arqueológicos por intervalo da frequência absoluta de peças cerâmicas.

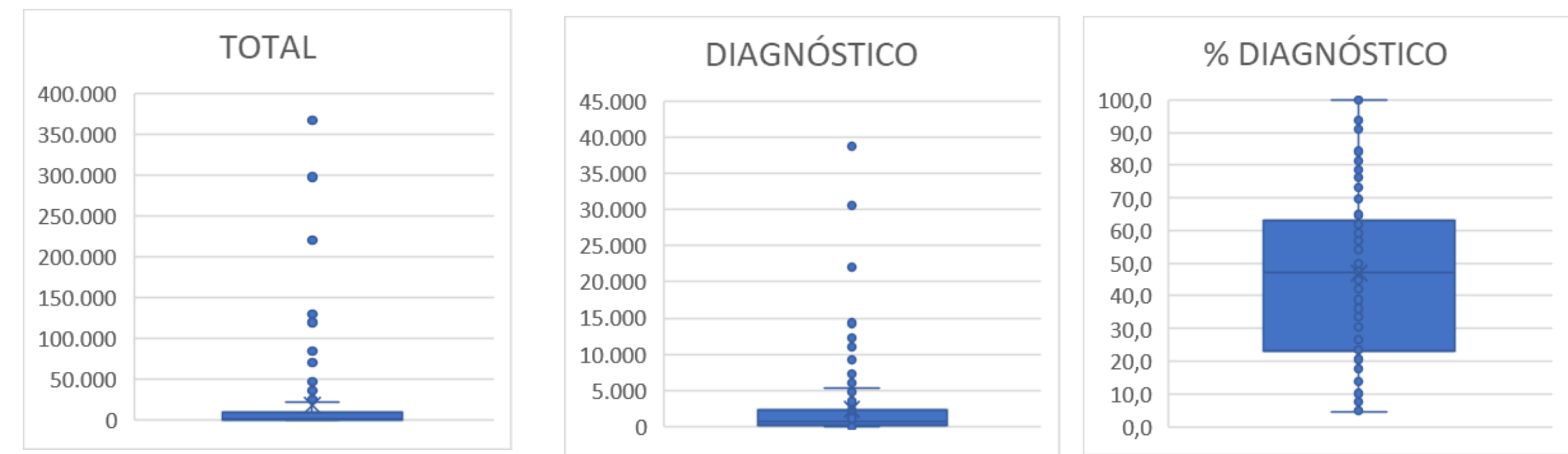
CERÂMICA	SÍTIO		CERÂMICA	SÍTIO		CERÂMICA	SÍTIO	
#	#	%	#	#	%	#	#	%
0-50.000	138	90,2	0-5.000	102	73,9	0-500	62	60,8
50.000-100.000	7	4,6	5.001-10.000	14	10,1	501-1.000	7	6,9
100.001-150.000	5	3,3	10.001-15.000	4	2,9	1.001-1.500	11	10,8
150.001-200.000	0	0,0	15.001-20.000	7	5,1	1.501-2.000	4	3,9
200.001-250.000	1	0,7	20.001-25.000	1	0,7	2.001-2.500	4	3,9
250.001-300.000	1	0,7	25.001-30.000	2	1,4	2.501-3.000	7	6,9
300.001-350.000	0	0,0	30.001-35.000	4	2,9	3.001-3.500	2	2,0
350.001-400.000	1	0,7	35.001-40.000	1	0,7	3.501-4.000	1	1,0
			40.001-45.000	1	0,7	4.001-4.500	2	2,0
			45.001-50.000	2	1,4	4.501-5.000	2	2,0
TOTAL	153	100,0	TOTAL	138	100,0	TOTAL	102	100,0

As figuras 4 a 6 e a tabela 4 ilustram a variação dos dados observados. É patente a grande variabilidade do tamanho das coleções. No entanto, enquanto a frequência de peças diagnósticas do total das coleções é de 13,1% (Tabela 4), mas a frequência de peças diagnósticas quando levamos em conta a mediana aumenta para 49,6% (Tabela 4). Ou seja, para a grande maioria das coleções geradas, quase que uma em cada duas peças cerâmicas é diagnóstica. Isto deve-se ao fato de que a maioria das coleções é composta por um número pequeno de peças quando comparado com os sítios que apresentaram grandes quantidades; estes últimos em número muito reduzido (Figura 1 e Tabela 1). Uma frequência significativa das coleções (40,5%) apresenta entre 30 a 60% de peças diagnósticas (Figura 7).

Renato Kipnis

Keylla Valença

Scientia Consultoria Científica



Figuras 4 a 6. Box plot da variação da frequência absoluta de porcentagem dos sítios arqueológicos de acordo com a quantidade de peças cerâmicas.

Tabela 4. Estatística descritiva dos sítios arqueológicos frequência absoluta e relativa das peças cerâmicas.

	TOTAL	DIAGNÓSTICA	
		#	%
Soma	2.756.340	359.729	13,1
Mediana	1.333,00	661,00	49,6
Média	18.015,29	2.351,17	13,3
Desvio padrão	48.524,82	4.974,35	

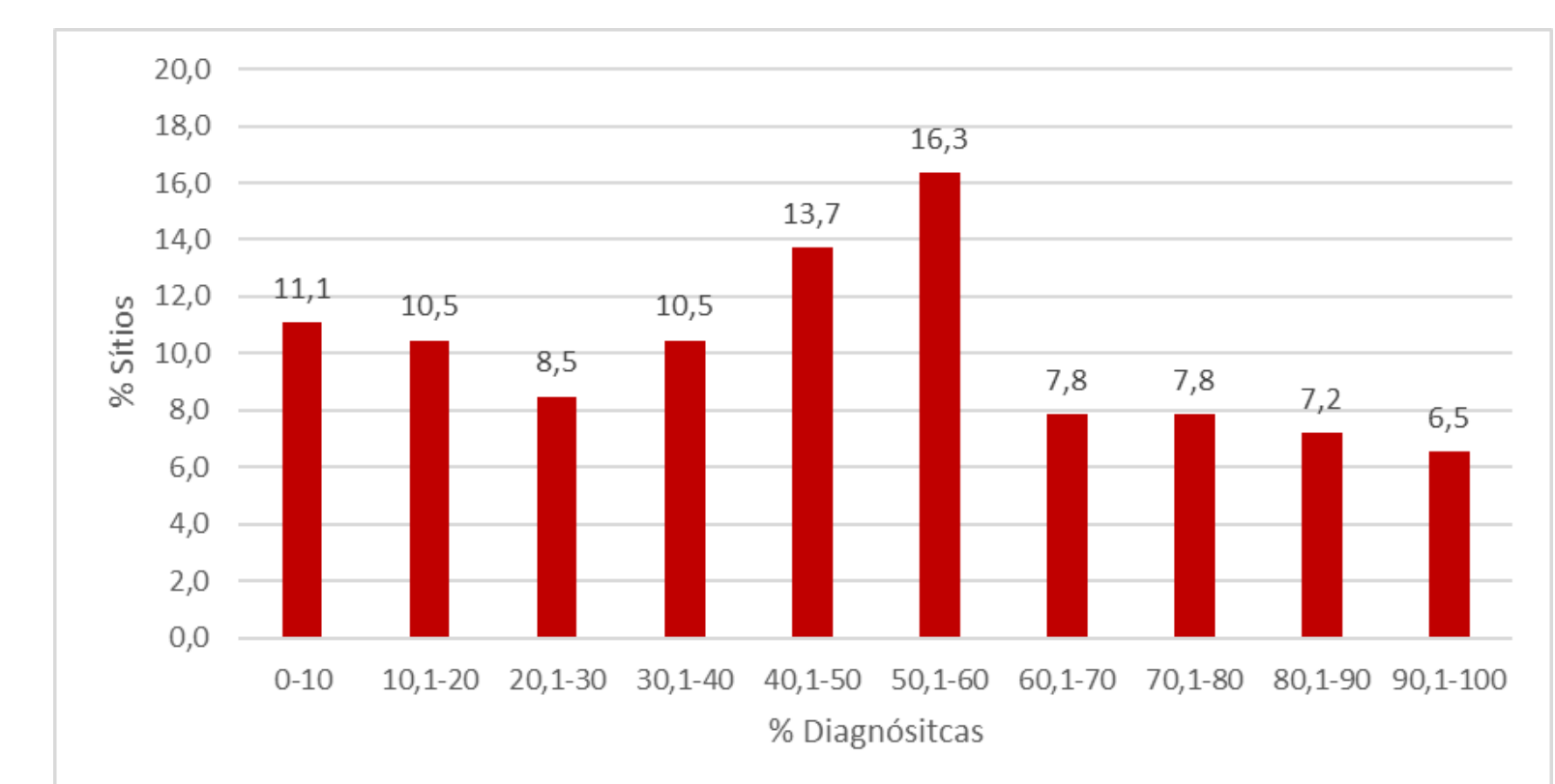


Figura 1. Histograma da porcentagem de sítios por frequência da porcentagem de peças diagnósticas.

Fica patente a presença de coleções com número pequeno de peças cerâmicas, produto da variabilidade intrínseca dos sítios arqueológicos pesquisados (e.g., sítios pequenos, médios e grandes; pacote arqueológico raso ou profundo, etc.) e das intervenções realizadas (e.g., delimitação de sítio e escavações sistemáticas). Também é claro que quanto menor a coleção de peças há uma tendência para ocorrer uma maior porcentagem de peças diagnósticas, enquanto que, quanto maior o número de peças em uma determinada coleção menor é a porcentagem de peças diagnósticas da mesma (Figura 8). No entanto, esta correlação não é estatisticamente relevante ( $r^2 = 0,215$ ,  $n=153$ ).

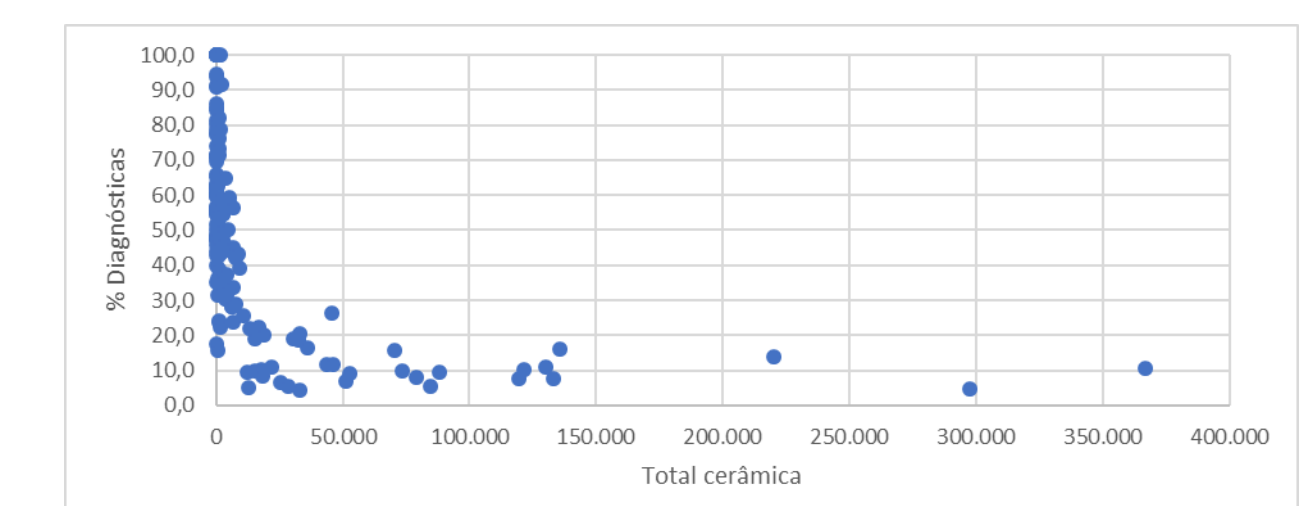


Figura 8. Dispersão da porcentagem de peças diagnósticas em relação ao total de peças por sítio

## DISCUSSÃO

Devido a grande quantidade de sítios arqueológicos pesquisados e enorme volume de peças cerâmicas que compõem a coleção arqueológica destes sítios, acreditamos que os dados apresentados acima são representativos da realidade arqueológica do Brasil, e pode servir de base para início de um debate sobre o que devemos preservar. É claro que devemos aprofundar este estudo com uma maior diversidade regional e de contextos de pesquisa, assim como de outros materiais arqueológicos que ocorrem em grande quantidade em sítios arqueológicos (e.g., lítico, metais, vidro, fiança, etc.).

Nós arqueólogos devemos enfrentar a dura realidade de que simplesmente não podemos manter tudo. Há uma necessidade crítica não apenas de avaliar a importância das coleções arqueológicas, a fim de priorizar os recursos disponíveis, mas também de desenvolver estratégias para o gerenciamento sustentável das coleções arqueológicas no futuro. Este processo nos levará a necessidade de desenvolver critérios de avaliação para determinar a significância das coleções arqueológicas no intuito de gerar parâmetros que servirão de base para tomada de decisões relativas à retenção ou descarte de coleções arqueológicas específicas.

No caso do projeto de *Arqueologia Preventiva nas áreas de intervenção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, Rio Xingu, PA* discutido acima, a redução da coleção cerâmica poderia chegar na ordem de 86,9%. Mesmo levando-se em conta a necessidade de separar uma amostra de peças não diagnóstica de cada sítio para análises científicas futuras e peças para serem utilizadas em atividades de educação e socialização, podemos chegar a uma redução de 80 a 85% do total de peças cerâmicas exumadas dos 153 sítios pesquisados.

Um movimento na direção do que estamos sugerindo tem um segundo fator muito positivo, que é o de liberar financiamento para atividades pós-campo, de análise das coleções e publicação, ou seja, para produção de conhecimento.

## BIBLIOGRAFIA

- Alberto, Carlos Santos Costa & Fabiana Comerlato. Você me daria um “cheque em branco”? Um olhar sobre o endosso institucional em projetos de pesquisa. *Revista de Arqueologia*. 26(2) e 27(1):115-131, 2013 e 2014.
- Bawaya, M. 2007. Archaeology: Curation in Crisis. *Science*. 317:1025–26.
- Kersel, Morag M. Storage Wars: Solving the Archaeological Curation Crisis? *Journal of Eastern Mediterranean Archaeological and Heritage Studies*. 3(1):42-54. 2015.
- Marquardt, William H., Anta Montet-White, and Sandra C. Scholtz 1982 Resolving the Crisis in Archaeological Collections Curation. *American Antiquity*. 47:409-418.
- Sonderman, R. C. 1996. Primal Fear: Deaccessioning Collections. *Common Ground* 1 (2). [http://www.nps.gov/archeology/cg/vol1\\_num2/fear.htm](http://www.nps.gov/archeology/cg/vol1_num2/fear.htm) (acessado 30/09/19).
- Zimmermann, L. J. 2005. Review of Our Collective Responsibility: The Ethics and Practice of Archaeological Collections Stewardship. edited by S. T. Childs. *American Anthropologist*. 107:280–81.